



Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ)
XII Ciclo Nacional de Pesquisa em Ensino e Extensão em Jornalismo

O jornalismo de revista na pesquisa científica: um recorte histórico de ‘O Cruzeiro na década de 50’

Leticia Arantes Jury²

Goiamérico Felício Carneiro dos Santos³

Resumo

O que nos inquieta? À medida que dominamos e transformamos a realidade, criamos novas necessidades, e é justamente esta inquietação, que possibilita a produção do conhecimento. O presente artigo aborda esta busca pelo conhecimento, que não se limita a relação ‘sujeito e objeto’, e traz como *corpus* de pesquisa a revista jornalística. Instigados por nossa curiosidade centramos em *O Cruzeiro*, conhecida como a ‘revista contemporânea dos arranha-céus’, que foi publicada de 1928 à 1975. O recorte histórico foi a década de 50. Nesse sentido, buscamos demonstrar a importância da revista como fonte de pesquisa, quando se pretende observar, compreender e analisar a sociedade por meio dos veículos jornalísticos.

Palavras-chave: Pesquisa. Jornalismo. Revista. O Cruzeiro.

1- Introdução

O presente artigo tem como objetivo demonstrar a importância do jornalismo enquanto objeto de pesquisa, especificamente o jornalismo de revista com suas especificidades, tendo como *corpus* O Cruzeiro, publicação editada de 1928 à 1975 pelos Diários Associados. O período que definimos para o estudo foi à década de 50, marcada por transformações políticas, sociais e culturais do país.

José Marques de Melo no prefácio do livro *Metodologia de Pesquisa em Jornalismo* (2010) apresenta sólidos argumentos no sentido de que o jornalismo percorreu três fases distintas, enquanto objeto de estudo na sociedade brasileira, sendo a primeira na década de 30 quando a imprensa se torna fonte para as Ciências Humanas; a segunda com a criação dos cursos de Jornalismo e a terceira se deu em 1967 quando a pesquisa institucionalizada passou a ser desenvolvida na Escola de Comunicações Culturais de São Paulo, com inauguração de cursos de Graduação e Pós-Graduação, em que foram desenvolvidos projetos integrados de ensino, pesquisa e extensão.

¹Trabalho apresentado na modalidade Comunicação Científica no Grupo de Trabalho Pesquisa na Graduação do XII Ciclo Nacional de Pesquisa em Ensino e Extensão em Jornalismo, evento componente do 16º ENPJ.

²Mestranda em Comunicação da Linha de Pesquisa Mídia e Cultura da UFG. E-mail: leticiajury@gmail.com

³Professor Associado III, integra o PPGCOM/UFG (LP: Mídia e cultura) e o PPGIDH/ UFG (LP: Práticas e representações sociais). E-mail: goiamerico@uol.com.br



Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ)
XII Ciclo Nacional de Pesquisa em Ensino e Extensão em Jornalismo

Neste início do século XXI, o campo acadêmico do jornalismo vivencia uma conjuntura de fortalecimento dentro do nosso espaço universitário. Evidência disto é o lançamento de livros escritos por pesquisadores situados em diferentes partes do território nacional, difundindo as pesquisas concluídas, bem como a publicação de um punhado de revistas científicas que nutrem o debate sobre questões teóricas e metodológicas. Os estudiosos da área contam ainda com um fórum específico para difusão e crítica do conhecimento novo produzido nas universidades: a SBPJOR – Sociedade Brasileira de Pesquisadores do Jornalismo. Preservam também espaços segmentados no âmbito das sociedades de ensino e pesquisa que aglutinam todas as disciplinas das ciências da comunicação: o Núcleo de Pesquisa em Jornalismo da Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – e o Grupo de Estudos em Jornalismo da Compós – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (MARQUES DE MELO, 2010,p.10-11).

Por esta perspectiva do jornalismo enquanto campo de pesquisa, Marcia Benetti em *Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos* (2010) aponta o jornalismo como lugar de circulação e produção de sentidos. De forma sucinta, “o jornalismo é um discurso: a) dialógico; b)polifônico; c)opaco; d) ao mesmo tempo efeito e produtor de sentido; e) elaborado segundo condições de produção e rotinas particulares” (BENETTI, 2010, p. 107).

Benetti (2010) ao citar Bakhtin expõe que para o jornalismo o dialogismo pode ser pensando em dois planos, que é a relação entre os discursos e entre sujeitos, sendo que o primeiro diz respeito à interdiscursividade e o segundo a intersubjetividade. “O jornalismo é um modo de conhecimento: ele tanto produz um conhecimento particular sobre os fatos de mundo, quanto reproduz os conhecimentos gerados por outros atores” (BENETTI, 2010, p. 110).

Deste modo, observa-se que as pesquisas em comunicação, com ênfase no jornalismo, trabalham com a perspectiva da necessidade de visualizar a estrutura do texto que compreenda que ele é constituído por um sistema de forças que lhe é exterior e anterior. “O texto é parte visível ou material de um processo altamente complexo que

inicia em outro lugar: na sociedade, na cultura, na ideologia, no imaginário” (BENETTI, 2010, p. 111).

2- A revista e seu jornalismo

E o jornalismo de revista? Quais são as peculiaridades que devem ser observadas em uma pesquisa? Uma das respostas é dada por Nilson Lage (2005) que diz que a forma gráfica e o estilo dos magazines contêm propostas e enfoques próprios, que usualmente refletem uma dada época. Ele cita como exemplo as revistas *Careta*, publicação humorística veiculada de 1908 à 1960, e *Vida Doméstica*, voltada para o público feminino, que circulou de 1920 à 1962, que refletem as características do país no período em que foram publicadas.

Lage (2005) cita *O Cruzeiro* o qual ressalta sua importância na história do jornalismo de revista no país, o que demonstra a importância desta publicação como *corpus* de uma pesquisa seja de Graduação quanto de Pós-Graduação, ou seja, em programas de Mestrado e Doutorado. “*O Cruzeiro* chegou a tirar (ou anunciar a tiragem) mais de 700 mil exemplares, em um país de 50 milhões de habitantes” (LAGE, 2005, p. 147).

No Brasil, em *O Cruzeiro*, afora a crônica do Rio de Janeiro e de São Paulo – cidades que começavam a se agigantar – os assuntos mais frequentes eram exposições de gado, índios e a selva que repórteres visitavam, sempre reverenciados e autorreferentes; em *Manchete*, a penetração no Oeste e as grandes obras da modernização do país. (LAGE, 2005, p. 147).

Daisi Vogel (2013) apresenta as especificidades do meio revista em relação aos jornais. Assim, ela argumenta que a revista apresenta características que a distinguem do jornal, sendo que a periodicidade é um dos atributos centrais de diferenciação, pois não existem revistas diárias. Como prática jornalística, a revista também é diferenciada, desde a formulação da pauta ao tempo de apuração e ao tratamento da linguagem e do desenho de página.

Para a autora, as revistas emblematizam as memórias que elas atravessam, expondo as transformações do tempo que documentam bem como, suas eventuais posições anacrônicas, isto é contra seu próprio tempo. “Assim pode-se ler revistas como quem rastreia pegadas da memória, como quem toma posição diante do

contemporâneo”(VOGEL, 2013, p. 25). Outra confirmação da importância do jornalismo de revista em pesquisas científicas.

Outro autor que também estuda o tema, Frederico de Mello B. Tavares e Reges Schwaab (2013) mostra que passados dois séculos de seu aparecimento no Brasil e pelo menos 350 anos da publicação do primeiro número de que se tem notícia no mundo, a revista impressa se configurou como produto jornalístico distinto, bem como adquiriu e reforçou marcas particulares que lhe proporcionam um lugar diferenciado no rol de opções informativas disponíveis no âmbito midiático.

Isto se deve, de acordo com os autores, em decorrência do aspecto noticioso analítico e interpretativo, sua identidade detém marcas bem definidas, orientadas tanto por uma periodicidade diferenciada no cenário da mídia impressa quanto por uma condição material e discursiva específica, que dialoga com o contexto do qual ela é parte constituinte (2013, p. 27).

Com o casamento perfeito entre texto e imagem, aliado ao olhar sobre as variedades do mundo e suas diferentes audiências, as magazines consolidam-se, demarcando um lugar próprio em relação ao jornalismo e seu universo e estabelecendo, para tal lugar, uma maneira própria (jornalística e midiática) de dizer sobre a sociedade e com ela se relacionar. A revista, vale dizer, surge em um contexto amador, e seu amadurecimento e profissionalização seguiram não apenas uma evolução da própria indústria da mídia, mas também o diálogo social e cultural que perpassa essa dinâmica evolutiva. Em sua origem, as magazines traziam laços estreitos com a literatura, característica que as acompanhou até o início do século XX. Aos poucos, a constituição de um mercado editorial e a força da indústria cultural expandiram as diferenças em relação a outros periódicos impressos e impulsionaram o afinamento das peculiaridades de linguagem e de circulação. (TAVARES & SCHWAAB, 2013, p. 29).

Os autores citam *O Cruzeiro*, a revista que abriu caminho para outros títulos marcantes, como a *Diretrizes*, que circulou entre 1938 e 1944, criação de Samuel Wainer com foco em investigação jornalística e crítica variada. A *Manchete* conforme Tavares e Schwaab (2013) criada pelo grupo Bloch (1952) está inscrita nessa corrente e se expande no contexto da concorrência visual trazido pela televisão, sendo seguida pela *Fatos e Fotos*, que entrou em circulação em 1961.

Maria Celeste Mira (1999) nos diz que a receita bem temperada da *Revista Semana* viera para ficar e Carlos Malheiros Dias, um dos seus proprietários e diretor editorial

durante 20 anos, seria convidado por Assis Chateaubriand para integrar a equipe que colocou em circulação *O Cruzeiro*. Segundo ela, em sua primeira fase, as principais características editoriais eram as grandes reportagens fotográficas, o muito de literário, conservando-se espaço para contos e crônicas de autores brasileiros e empregando-se escritores, teatrólogos e cineastas (1999, p. 23).

Márcia Benetti (2013) salienta que o jornalismo de revista é um discurso e um modo de conhecimento segmentado por público e por interesses; é periódico; é durável e colecionável; tem características materiais e gráficas distintas dos demais impressos; exige uma marcante identidade visual; permite diferentes estilos de textos; recorre fortemente à sinestesia; estabelece uma relação direta com o leitor; trata de um leque amplo de temáticas e privilegia os temas de longa duração; está subordinado a interesses econômicos, institucionais e editoriais; institui uma ordem hermenêutica do mundo; estabelece o que julga ser contemporâneo e adequado; indica modos de vivenciar o presente; define parâmetros de normalidade e de desvio; contribui para formar a opinião e o gosto; trabalha com uma ontologia das emoções. (2013, p. 55).

Complexo, diversificado e especializado, o jornalismo de revista engendra olhares e percepções sobre o mundo, sobre si e sobre o outro, e é nessa articulação que reside seu amplo e fecundo poder (BENETTI, 2013, p. 55).

Tais características explanadas pelos autores citados abrem perspectivas para a utilização da revista enquanto objeto das pesquisas em jornalismo. Atualmente observamos inúmeros trabalhos de conclusão de curso, Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado, que tem as revistas como fontes de pesquisa. Quando não trabalham a publicação como um todo, se apropriam de reportagens, artigos, crônicas, colunas, infográficos, o que demonstra ainda a infinidade de *corpus* que podem ser subtraídos desta publicação jornalística.

Se a revista traz como característica sua época de publicação, depreendemos que as pesquisas devem ser interdisciplinares e podem ser trabalhadas em diferentes perspectivas, por exemplo, com enfoque histórico, sociológico, filosófico, cultural, dentre outros. A metodologia também pode variar quanto ao método quantitativo ou



Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ)

XII Ciclo Nacional de Pesquisa em Ensino e Extensão em Jornalismo

qualitativo. Observamos que a Análise do Discurso e a Análise Crítica do Discurso têm sido muito utilizadas nas pesquisas.

3- Revista *O Cruzeiro* como fonte de pesquisa

Após contextualizar as principais características do jornalismo em revistas, passamos para o nosso objeto de estudo, *O Cruzeiro*. Em uma imersão na história, voltamos à década de 20, retratada por Fernando Morais (1994), em *Chatô: o rei do Brasil*. Chateaubriand - são palavras do autor - frustrado com a malograda compra do *Diário de Notícias* de Porto Alegre, resolveu ousar de novo e procura um produto que pudesse ser distribuído em todo país.

Por meio de amigos soube que o jornalista português Carlos Malheiros Dias planejava lançar uma revista de circulação nacional, mas faltava dinheiro. Ao tomar conhecimento, Chateaubriand quis saber quanto custaria ressuscitar o projeto, lançar a revista e indenizar Dias pelos gastos já realizados. Como narra Morais (1994), não era tanto dinheiro, já que *O Cruzeiro* não dispunha de gráfica própria, e assim, o investimento inicial não era nenhum despropósito: com quinhentos contos de réis ele assumiria o controle integral da empresa que formalmente já existia – e que, ironicamente, mesmo não sendo dona de uma única linotipo, chamava-se Empresas Gráfica Cruzeiro S/A. (1994, p.177).

Para viabilizar o empreendimento, Chateaubriand foi até o então ministro da Fazenda, Getúlio Vargas, e apresentou a revista: papel da melhor qualidade, repleta de fotografias, contaria com os melhores articulistas e escritores do Brasil e do exterior, e assinaria todos os serviços estrangeiros de artigos e fotografias. Impressa em quatro cores pelo sistema de rotogravura, a revista teria de ser rodada em Buenos Aires, já que a qualidade das gráficas do Brasil não era adequada. “E tinha mais: *Cruzeiro* seria semanal, com tiragem de 50 mil exemplares (e não os 27 mil imaginados por Malheiros), que circularia em todas as capitais e principais cidades do Brasil” (MORAIS, 1994, p. 178).

No final de 1928, Chateaubriand lançava sua revista *Cruzeiro*. Como narra Morais (1994), no final da tarde de 5 de dezembro, quando a avenida Rio Branco

fervilhava de gente que deixava o trabalho ou saía as ruas para as primeiras compras de Natal, 4 milhões de folhetos – três vezes o número total de habitantes do Rio – foram atirados do alto dos prédios sobre a cabeça dos passantes. Os volantes anunciavam o breve aparecimento de uma revista contemporânea dos arranha-céus, uma revista semanal colorida que tudo sabe, que tudo vê. “Muitos dos panfletos traziam reproduzidos, no verso, anúncios que seriam veiculados na nova publicação”. (MORAIS, 1994, p. 187).

No dia 10 de dezembro, a revista *Cruzeiro* estava nas bancas de Belém a Porto Alegre, simultaneamente, pois além de usar caminhões, barcos e trens, Chateaubriand fretou um bimotor. “Como se quisesse esbanjar competência, até nos principais pontos-de-venda de Buenos Aires e Montevidéu havia repartes da revista – da mesma edição em português que circulava no Brasil”. (MORAIS, 1994, p. 187).

Disponível na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, o editorial da primeira edição, ressalta a importância da Revista: “depomos nas mãos do leitor a mais moderna revista brasileira”. O texto prossegue: “nossas irmãs mais velhas nasceram por entre as demolições do Rio colonial, através de cujos escombros a civilização traçou a reta da avenida Rio Branco, uma reta entre o passado e futuro”.

Cruzeiro encontra já, ao nascer, o arranha céu, a radiotelefonia e o correio aéreo: o esboço de um mundo novo no Novo Mundo. Seu nome é da constelação que há milhões incontáveis de anos, cintilam completamente imóveis no céu austral e o da nova moeda que ressuscitará a circulação do ouro. Nome de luz e de opulência, idealista e realístico, sinônimo de Brasil na linguagem da poesia e dos símbolos. (CRUZEIRO, 1928, p. 3).

No editorial, definições sobre o jornalismo de revista: “a função da revista ainda não foi, entre nós, suficientemente esclarecida e compreendida”. (1928, p.3). Em um país da extensão do Brasil, “a revista reúne um complexo de possibilidades que, em certo sentido, rivalizam ou ultrapassam as do jornal”. (1928, p. 3). “O jornal é a própria vida. A revista é já um compendio da vida. A sua circulação não está confinada a uma área traçada por um compasso cujo ponteiro móvel raro pode exceder um círculo de raio

(...) superior a distância máxima percorrida em 24 horas. A revista circula desde o Amazonas ao Rio Grande do Sul, infiltra-se por

Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ)

XII Ciclo Nacional de Pesquisa em Ensino e Extensão em Jornalismo

municípios, utiliza da sua expansão os meios de condução terrestre, marítima, via aérea, entra e permanece nos lares, leitura da família e da vizinhança. A revista é o estado intermédio entre o jornal e o livro. (CRUZEIRO, 1928, p. 3).

4- Recorte histórico: década de 50

Para o presente artigo, buscamos as fontes primárias disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, em que estão digitalizadas as edições da revista *O Cruzeiro*. Com a proposta de demonstrar a quantidade de pesquisas que podemos depreender tendo como *corpus* a publicação na década de 50, citamos aqui o perfil, a organização editorial, o estilo de texto, o modo de produção das reportagens, as pautas, os enfoques, o espaço para a literatura, a opinião, o cinema, as colunas femininas, os amplos espaços publicitários, dentre outros aspectos, todos podem ser trabalhados de forma específica em diferentes pesquisas.

Em termos gerais, observamos que *O Cruzeiro* era segmentada nas seguintes editoriais: ‘Artigos’, em que na maioria das edições assinavam, Rachel de Queiroz, Eunice Veiga, J. Rego Costa, Austregesilo de Athayde, Genolino Amado, Drew Pearson, Gilberto Freyre, e outros. As ‘Reportagens’, que eram distribuídas ao longo da revista, e geralmente assinadas por David Nasser, José Amádio, Indalício Wanderley, Eduardo Graco, Gustavo Barroso, Badará Braga, para citar alguns.

Na editoria Seções, a coluna ‘Conversa com o leitor’, ‘Opinião do Leitor’, ‘Um fato em foco’, Cinelândia. E a partir de 1954, as notícias de ‘Política’ passaram a ser postadas neste espaço, pois até então elas eram publicadas junto as reportagens. Além destas, a revista era segmentada ainda em Humorismo, com as famosas colunas ‘Amigo da Onça’, de Péricles, e ‘Pif-Paf’, de Vão Gogo, com amplo destaque para charges e ilustrações; ‘Contos e Romances’, onde dali saíram livros e escritores; ‘Cinema’, ‘Figurinos’ e ‘Assuntos femininos’, sendo nesta última as colunas ‘De mulher para mulher’, de Maria Tereza, ‘Elegância e Beleza’, de Elza Marzullo e ‘Lar, Doce Lar’ de Helena Sangirardi.

As reportagens, no início da década de 50, já que com o passar dos anos isto foi-se alterando, eram na maioria das vezes descritivas, títulos e fotos grandes, textos curtos, e

tratavam de personalidades, destacavam regiões do país ou se referia a um fato de grande repercussão nacional e internacional, a exemplo de ‘O paraíso das garças no Pantanal’, de José Medeiros, e ‘Os modestos campeões do mundo’ de Josué Guimarães e Ed Keffel, na edição de 28 de outubro de 1950. Ainda nesta edição, uma reportagem especial sobre a morte de Líbero Badaró. Era possível observar a busca por temas pouco repercutidos no noticiário tradicional, o que de fato é uma característica do jornalismo de revista. Sendo assim podemos resumir como reportagens criativas e, na maioria das vezes, de temas inusitados.

Notícias de política, como ‘Os homens de Vargas’, de José Amádio e Jean Mazon, na edição do dia 4 de novembro de 1950, seguida de matérias de variedades como ‘Confusão no Jiu-Jitsu’ de Luciano Carneiro, ‘Chapéus de Paris’ de Alceu Pena e Ronchen. E as grandes reportagens de David Nasser e Jean Mazon, como ‘O Paxá dos cadillacs’, de 18 de novembro de 1950; ‘A lenda maravilhosa do Eldorado’, de Gustavo Barroso; e ‘Bonitões num campeonato mundial’, de Mário Cantuária. A marca da revista, extensa, em média com mais de cem páginas, a cada edição, embora este número não fosse fixo, demonstra a diversidade de assuntos.

Reportagens internacionais ou que destacavam personalidades históricas, como ‘Um escândalo de Dom Pedro II em Portugal’, de Gustavo Barroso, publicada em novembro de 1950; e ‘A princesa Margareth dos Estados Unidos’, 10 de novembro de 1951; ou ‘A vida íntima de Eva Perón’, em 20 de janeiro de 1951; ‘A verdade sobre a aviação soviética’ publicada no dia 31 de março de 1951. Além dos textos publicados nas colunas, como de Drew Pearson, que em novembro de 1950, trouxe ‘A visita de Truman a Mac Arthur’; ‘Lei de Imigração contra amigos’; ‘Cristianismo e Política na Itália’, ‘Ao invés de rublos, armas e munições’. Todos estes textos eram justificados, pois a revista era internacional, principalmente nos países latinos, com ênfase para a Argentina.

Outro exemplo que traz substanciais contribuições para que entendamos o perfil internacional da revista, são as matérias de Theofilo de Andrade, intitulada ‘A bomba atômica russa e sua aplicação industrial’, publicada no dia 14 de novembro de 1953; e a ‘Democracia austríaca’, de 14 de março deste mesmo ano. No entanto, as matérias

regionalistas, como ‘Padre Cícero do Juazeiro, um santo para o povo, de Carlos Gaspar na edição de 13 de novembro de 1954, também tinha muito destaque. Neste sentido, podemos afirmar que a Revista *O Cruzeiro* traçava a identidade e a cultura brasileira na época.

Ao longo de toda a década de 50, foram publicados artigos de Gilberto Freyre, como ‘Portugueses, Branquidade e Documento’, da edição de 4 de novembro de 1950; ‘Santos e Raças’, em 11 de novembro deste mesmo ano; ‘Pessoas, coisas e animais’, em 20 de janeiro de 1951, ‘Estudo e improviso’ de 14 de novembro de 1953, ‘Novo livro do francês Verger’, de 13 de novembro de 1954. Nas seções de romance, Rachel de Queiroz publicava semanalmente o folhetim ‘Galo de Ouro’, que lhe conferiu uma premiação. Assim como as romancistas Dinah Silveira de Queiroz, que publicava capítulos de ‘A muralha’ e Lúcia Machado de Almeida, ‘Escaravelho do Diabo’, que foram publicados também em livros.

Como não poderia deixar de ser, a revista *O Cruzeiro* publicava semanalmente reportagens políticas, (como já dito, a partir do ano de 1954, de forma mais intensa), com notícias de bastidores, colunas de notas curtas, referente a ministérios, em diferentes Estados, embora a ênfase era a política nacional. Em grandes momentos da história como o suicídio de Vargas, o breve governo de Café Filho e as eleições que levaram JK ao poder, foram divulgadas por meio de reportagens analíticas, detalhadas, complexas, em páginas bem diagramadas com correlatas e box explicativos, títulos chamativos e subtítulos explicativos, que somavam a fotografias com legendas bastante informativas.

5- Considerações finais

Como nos propomos demonstrar a importância do jornalismo de revista enquanto objeto de estudo em pesquisas, e fizemos um recorte histórico da revista *O Cruzeiro* na década de 50, encerramos este artigo apontando as principais contribuições deste objeto. Deprendemos a importância da revista no cenário político nacional brasileiro, por exemplo, uma rica fonte de pesquisa histórica.

Citamos como exemplo a reportagem ‘A morte de Vargas’ de Arlindo Silva e equipe de *O Cruzeiro*, de 4 de setembro de 1954. O texto, acima da foto que ganha toda a página de Vargas no caixão, começa com a frase: “Vargas transpõe o limiar da eternidade” e narra que no dia 24 de agosto, o país foi sacudido e abalado com o suicídio do presidente. Aproximadamente cerca de quatro horas após a reunião ministerial que assentara a forma do licenciamento, o presidente da República renuncia, não ao posto, mas a vida,

(...) com um certo tiro no coração. Esta é a primeira vez na história do Brasil em que um chefe de governo encerra assim, dramaticamente a vida. Fim trágico de um estadista. Vê-se na foto que o presidente, embora de fisionomia abatida, conserva a tranquilidade que sempre o caracterizou. O rosário foi depositado sobre seu corpo pelo Ministro Apolônio Sales, que é católico praticante. O presidente Vargas não tinha crença, mas afirmou ao cardeal Dom Jaime Câmara que pautava sua vida dentro dos princípios cristãos. (O CRUZEIRO, 1954, p. 4).

Nas páginas seguintes, uma demonstração do prestígio da revista, em que em sua matéria Arlindo Silva relata que estava no Catete no momento do suicídio e foi ele inclusive que conseguiu falar no Pronto Socorro para enviar socorro. “A ambulância que eu chamara era para socorrê-lo. E não demorou que esta chegasse. Três minutos no máximo”. (O CRUZEIRO, 1954, p. 7). No entanto, logo que o médico desceu, conforme a matéria, já anunciou a morte do presidente. Todos os detalhes foi narrado pelo repórter que estava no momento do fato. “E quem por capricho pediu a ambulância para o presidente, que acabava de suicidar, foi este repórter, que nunca havia transposto os portões do Catete”. (O CRUZEIRO, 1954, p. 7).

Nesta edição, a revista dedicou várias páginas, que continham matérias correlatas, com os seguintes títulos ‘A emoção do povo ante a tragédia’; ‘O povo carioca saiu as ruas para dar o último adeus à mais destacada figura brasileira dos últimos trinta anos’. Como característica da publicação, muitas fotos e legendas, dentre elas, “Na trágica manhã, tão logo a notícia triste acontecimento se espalhou, coroas e flores surgiram nos jardins do Palácio. Homenagem de um povo. (1954, p. 8); “Perto de um milhão de brasileiros tentou desfilar diante do esquife. Cerca de cem mil e conseguiram. Mais de duas mil pessoas desmaiaram ante o impacto emocional, ao verem pela última vez o presidente Vargas” (1954, p. 9); “os lenços brancas, outrora



Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ)

XII Ciclo Nacional de Pesquisa em Ensino e Extensão em Jornalismo

símbolos do Brigadeiro Eduardo Gomes, acenaram o último adeus do povo ao presidente morto. Melancólico paradoxo” (1954, p. 14).

A primeira parte da reportagem foi encerrada com uma foto da viúva entrando no avião, com a legenda: “A sra Alzira Vargas do Amaral Peixoto só conseguiu alcançar o avião da Cruzeiro do Sul, quando a escada já havia sido retirada, populares alcançaram-na, então, até a porta do aparelho, onde foi recebida pelo Sr. Goulart”, (1954, p. 15). Na edição especial, a última foto, como definiram na legenda, de Getúlio Vargas, na página 111, de perfil, terno e fumando um charuto: “Já em plena efervescência da crise político-militar que haveria de ter um desfecho dramático, o presidente viajou para Minas onde passou dois dias. Fora inauguradas as indústrias Mannesmann”. (1954, p. 111). E outra matéria especial: “Derradeiras horas de Vargas”, assinada por Yedo Mendonça, com o subtítulo: “A dramática reunião do Ministério em que se decidiu a renúncia do presidente – Resistirei até o fim. A carta: a despedida de um homem disposto a lutar”. (1954, p.114).

A revista também deu ampla cobertura ao novo presidente que acabava de assumir, Café Filho, como na página 120, ‘O presidente jornalista’ de Theophilo Andrade, e fotos com integrantes da revista como João Atahyde e Accioly Neto. “Reunindo jornalistas no Palácio das Laranjeiras, pouco depois de sua posse, o presidente Café Filho declarou: ‘Eu sou na presidência da República, um jornalista’. Ele é de fato o primeiro jornalista a chegar ao posto de presidente

No final da década de 50, a maioria das reportagens políticas estava focada no início da Era JK, como a matéria publicada em 55, ‘Juscelino quer governar com a mão firme’, que segundo o subtítulo os ministros não vão orientar, mas executar a orientação política do governo; ‘Os mineiros sobem ao governo’, em que trazia a notícia dos bastidores políticos antes da posse de JK, na edição do dia 21 de janeiro de 1956. As notícias analíticas, abordavam os arranjos partidários, as alianças, os confrontos de ideias, as interferências políticas na questão financeira do país, dentre outros aspectos, que demonstram o papel da revista, que não estava alheia, ao cenário nacional e regional e investia nas grandes reportagens.



Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ)

XII Ciclo Nacional de Pesquisa em Ensino e Extensão em Jornalismo

A importância de O Cruzeiro como fonte de pesquisa, corrobora com a nossa hipótese de que o jornalismo de revista é importante para as pesquisas científicas, e que podem se tornar horizontes para pesquisadores de diferentes áreas, pois nos traz contribuições em campos de saberes diversos e abre inúmeras possibilidades de estudo.

Referências bibliográficas

Fonte Primária

O CRUZEIRO. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro. 1950-1959.

Fontes secundárias:

BENETTI, Marcia. Revista e Jornalismo: conceitos e peculiaridades. In: **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013. pp. 44-57.

BOFF, Felipe. Muito além do editorial: a revista e suas opiniões. In: **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013. pp. 189-202.

LAGE, Nilson. **Teoria e Técnica do Texto Jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

MORAIS, Fernando. **Chatô: o rei do Brasil**, a vida de Assis Chateaubriand. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

NETO, Accioly. **O Império de papel**: os bastidores de O Cruzeiro. Porto Alegre: Ed. Sulina, 1998.

TAVARES, Frederico de Melo B; SCHWAAB, Reges. Revista e comunicação: percursos, lógicas e circuitos. In: **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013. pp. 27-43.

VELASQUEZ, Musa Clara Chavez. **O Cruzeiro**. Disponível em [http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CRUZEIRO%20O%20\(DHBB\).pdf](http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CRUZEIRO%20O%20(DHBB).pdf). Acesso em: 8 mar 2016.

VOGEL, Daisi. **Revista e contemporaneidade**: imagens, montagens e suas anacronias. In: **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013. pp 17-26.